

Marc Bamuthi Joseph e Wendy Whelan – TED

Perdão, esquecimento e arte

Há cerca de cinco anos, me mudei para Washington, DC, para me tornar um dos vice-presidentes do Kennedy Center. Nos últimos 25 anos, tenho vivido de escrever – desde poemas em Oakland até óperas em Amsterdã.

Mas viver em DC me fez ficar obcecado com o perdão. E também com o esquecimento.

Perdoar exige um compromisso profundamente pessoal com a cura. Mas o perdão também é um animal político. Como eu, como cidadão, posso perdoar o que aconteceu em 6 de janeiro? Como posso conciliar o que considero uma injustiça nacional – que, desde a pandemia, no meio da selva de gerenciar um trauma nacional na saúde pública, não investimos quase nada em cura pública?

E isso me leva ao esquecimento.

Parece que, quando se começa a banir livros em um país, estamos sendo convidados a esquecer um monte de coisas. A exclusão histórica nas escolas é uma forma de o esquecimento acontecer de forma sistêmica. Mas o esquecimento também ocorre por meio de realidades disputadas, interrupções e desinformação. Por meio de uma cultura que consegue produzir múltiplas versões dos fatos. Dizem: “Sim, talvez tenha sido um motim, mas talvez também tenha sido só um passeio selvagem por um prédio federal” – como se todos nós devéssemos esquecer o que realmente vimos.

Então: é possível lembrar e perdoar?

E supondo que possamos lembrar e perdoar, como a arte pode tornar isso possível?

A empatia como infraestrutura

Meu trabalho no Kennedy Center não é passividade social – é impacto social.

As pessoas sempre me perguntam: “O que a arte pode fazer para ajudar a criar uma sociedade mais justa?” Mas essa é a pergunta errada – e coloca a responsabilidade nas pessoas erradas.

A pergunta real é: por que nossos sistemas de saúde não funcionam mais como a música? Por que o nosso aparato político não opera com a fluidez de um poema? Como podemos elevar o valor da arte que ajuda a criar uma infraestrutura tanto para a lembrança quanto para o perdão?

Essas perguntas me levaram a uma peça de música clássica chamada *O Carnaval dos Animais*, de Saint-Saëns. Tradicionalmente, *O Carnaval dos Animais* é apresentado como uma série de 14 mini-suítes, cada uma inspirada por um animal diferente do reino animal.

A nossa versão do carnaval, que mistura música de Saint-Saëns, composições novas e momentos a capella, faz um outro tipo de pergunta.

Perguntamos: e se *O Carnaval dos Animais* acontecesse no Capitólio, no dia 6 de janeiro? Quais eram os animais presentes naquele dia?

Perguntamos: nossa democracia pode sobreviver se não formos capazes de fabricar a empatia necessária para perdoar?

Este país usa ligas metálicas para fabricar carros. Usamos tijolos para construir prédios. Podemos usar a arte para fabricar empatia como um aspecto intencional da nossa economia?

Como exemplo, queremos compartilhar com vocês a nossa versão do cuco.

Nossa peça estreou em um ano eleitoral, quando um dos candidatos à presidência foi indiciado na Justiça Federal por seu papel no motim. Dito isso, o cuco aqui não é sobre loucura. É sobre ciclos.

É um momento do nosso trabalho que lembra os ciclos tóxicos que levaram ao 6 de janeiro. É uma peça que pergunta: como podemos perdoar os agentes do caos se não lembramos dos ciclos de inação que os propiciaram?

O Cuco

Por volta das 2h30, talvez 2h45, minha mãe me manda uma mensagem para saber se estou bem.

Mentira. Eu é que mandei uma mensagem pra saber se ela estava bem.

Minha mãe é do Haiti.

Ela já viu isso antes.

Um motim, um golpe, um déspota, sua trupe.

Pergunto se ela está abalada.

Ela já viu isso antes.

O cuco voa alto e, depois de um tempo,
cai lentamente à Terra.

Ele tem um leve problema de dicção.
O ouvido humano acha seu canto repetitivo.
O ouvido humano acha seu canto repetitivo,
como se os humanos pudessem ser árbitros
da canção de outra espécie.

Mas, neste caso,
o ouvido humano não está errado.
O cuco se repete.

Como se cada folha do galho
em que pousa fosse um grão de terço
ou uma conta de mala tibetano.

O ouvido humano não ouve
a prece da ave esguia.

Não importa.
Ela tem outras preocupações.
Bota ovos nos ninhos de outros pássaros,
come insetos, aprende francês.

(em francês)
Le coucou vole.
Et après un moment,
il descend doucement sur la terre.

(em português)
O cuco voa.
E depois de um tempo,
desce lentamente à Terra.

Como seus mantras soam ao ouvido
como um zumbido monótono,
os humanos clonam seu tom nos relógios.

A hora chega,
a hora chega – como um relógio.
A música que reconhecemos como tempo
não para.

O cuco não é um operário braçal,
cantando como o cinzel ininterrupto
de um escultor de montanhas.

Seu canto não é trabalho incansável.
É oração incessante.

Os humanos acham que ele é louco,
por repetir-se, repetir-se.
Usam seu nome em vão, como insulto,
zombam do som: “coco... coco...”

Ele inflama o peito de penas listradas
e dá à boca o céu.

O cuco tem muitas cores.
Estilos diversos.
Tem família na Europa e nos trópicos.
É trágico e romântico,
como um amor não correspondido
numa ilha do Pacífico Norte.

E só para constar,
fabricantes de relógios
e lojistas de lembrancinhas:
ele não tem cérebro simples.

Aconteceu de estar à janela
quando George Santayana cunhou o aforismo:
“Aqueles que não conseguem lembrar o passado
estão condenados a repeti-lo.”
Condenados a repeti-lo.

Ele estava lá
para a economia do “pingar para baixo”,
para celebridades de TV virando candidatos,
para atletas virando rappers,
para tratados de paz europeus com povos nativos,
e para 14 finais diferentes da pandemia de COVID-19.

Lembre-se do passado.
Lembre-se, coco.
Coco.

Aliás, ele notou que,
na tensão cíclica sobre a infraestrutura da saúde pública,
pouca atenção tem sido dada à cura pública.

Como o ato de reconhecer,
intencional e coletivamente,
o trauma social e psicológico da perda e da divisão.
Reconhecer que o planeta sofreu uma ruptura
e que é preciso curar,
juntos, essa fenda – em público.

Cura pública, cuco.
Repetindo: cuco.

A música na arma automática.

Medíocre e cheio de direitos,
tentadoramente insosso,
homem branco, classe média,
desconectado, supremacista branco –
está no recinto.

Terrorista americano, pensando e rezando,
pensando e rezando
como senadores americanos
ou defensores da Segunda Emenda,
ignorando o contexto das armas
a que os fundadores se referiam.

Eles estavam falando de mosquetes, meu chapa.
Eles estavam falando de mosquetes, meu chapa.

O cuco repete a si mesmo.
O cuco voa alto.
E, depois de um tempo,
cai lentamente à Terra.

Cuco.
Cuco.
Cuco.